

CENTRO CIRÚRGICO DO HRC É FECHADO

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Seria uma cirurgia relativamente simples. Retiraria o mioma do útero e voltaria para casa em 48 ou 72 horas. Cirurgias desse tipo são feitas todos os dias no Hospital Regional de Ceilândia (-HRC). A dona-de-casa Erozina Santos, de 51 anos, internou-se na noite de segunda-feira 14. Exames pré-operatórios realizados, sinal positivo para a operação. Nem tudo, porém, saiu como previram médicos e a família.

Terça-feira ao meio-dia chegou ao Centro Cirúrgico. Aparentemente, foi tudo bem. Saiu de lá com a sensação de que teria tirado um peso do corpo, que porventura iria crescer (miomas crescem) e sangrar. A cirurgia foi indicada para evitar que o mioma no útero de Erozina chegasse a esse estágio.

Na sexta-feira, recebeu alta do HRC. "Sem a menor condição. Minha mãe gemia de dor e mesmo assim mandaram ela pra casa", revolta-se a filha de Erozina, Patrícia Santos Aguiar, de 20 anos.

No sábado pela manhã, com febre e dores pelo corpo, Erozina voltou ao HRC. De lá, foi levada imediatamente para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Está em coma e seu estado é grave. "Minha mãe está inconsciente e só respira por aparelhos", desespera-se a filha.

Motivo do coma? Erozina contraiu infecção hospitalar no HRC. Junto com ela, na semana passada, pelo menos seis pacientes — até agora — padecem do mesmo mal. Um já morreu. Os demais foram remanejados aos outros hospitais da rede pública — Hran e Hospital Regional de Taguatinga (HRT) — onde existe Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Apenas um paciente — dos seis que se submeteram à cirurgia no HRC — continua no bloco E, setor de isolamento do hospital. É o único que dispensa cuidados intensivos, mas permanece em observação.

Segundo a filha de Erozina, baratas andam pelos corredores do HRC. "Eu mesma vi várias. Lá existem bons funcionários. O que o hospital não tem é estrutura para funcionar."

BACTÉRIA

O diretor do HRC, Marcelo Pereira de Souza, de 44 anos, em nenhum momento negou a existência de infecção hospitalar. Existem fatos: de domingo a quinta-feira da semana passada, houve uma morte, uma pessoa em coma e mais quatro pacientes em estado crítico, com infecção generalizada. O hospital liberou apenas as iniciais da paciente morta. Trata-se de R.M.S., de 43

Jorge Cardoso



Na sexta-feira o centro cirúrgico foi interditado e as cirurgias desmarcadas

anos, que se internou para uma cirurgia de retirada de útero.

"Quando soubemos dos primeiros casos, ainda na sexta-feira, o centro cirúrgico — com as quatro salas — foi imediatamente interditado. Todas as cirurgias eletivas (aquelas marcadas) foram canceladas", explica o médico.

Na manhã de ontem, por mais de duas horas, a direção do HRC se reuniu com a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar da Secretaria de Saúde para tentar entender e — sobretudo — explicar as causas da infecção de que foram vítimas os pacientes. As famílias precisam saber e vão cobrar.

"Se a gente se calar fica por isso mesmo. Estamos denunciando para que outras pessoas não venham passar pelo que minha mãe está passando", desabafa a filha da paciente em coma.

"Não sabemos ainda qual o agente causador. Qual o tipo de bactéria, se foi causada por material — luva, instrumentos, roupas — se foi do ar condicionado ou até mesmo se foi algum paciente que já entrou com infecção. Colhemos a cultura do material de cada um para análise. Temos que ser objetivos",

diz o diretor do HRC.

E um aviso: "Só reabriremos o centro cirúrgico quando a comissão liberar e identificar as causas da infecção. Pode durar o tempo que for preciso. Não podemos colocar em risco a vida das pessoas".

NÚMERO ELEVADO

Na semana em que se deu a série de infecções, o HRC realizou 49 cirurgias no centro cirúrgico. Para as mais variadas indicações — histerectomia (retirada do útero), hérnias e colecistectomia (retirada da vesícula). As cirurgias foram feitas por diferentes equipes médicas em diferentes momentos e também em diferentes salas — já que exis-

tem quatro no mesmo centro. "Desse total, seis pacientes infelizmente foram acometidos por infecções", admite Marcelo Pereira de Souza. "Infecções, embora previstas em hospitais de grande rotatividade, são sempre fatalidades, principalmente quando levam a óbito."

De acordo com ele, a Organização Mundial de Saúde (OMS) adota como padrão razoável de infecção hospitalar índices que variam de 1,5% a 2%. Esse número varia de hospital para hospital (ver Para Saber Mais nesta página). No caso específico do HRC, a média fica em torno de 2%.

Num levantamento feito pela Seção de Controle de Infecção Hospitalar do HRC, entre os meses de fevereiro, março e abril deste ano foram realizadas ali 96 cirurgias. Desse total, foi detectado um nível de infecção em torno de 2,08%. "A taxa manteve-se dentro dos padrões de nossa regional e do estimado", avalia Marcelo Souza.

Mas se, em uma semana, 49 pacientes operaram e seis foram acometidos por infecção hospitalar pós-operatória, o índice saltou para 12,2%. "É muito alto e grave. Alguma coisa aconteceu", admite o diretor do HRC, explicando que o hospital desenvolve campanhas e palestras anuais com os funcionários para combater a infecção hospitalar.

O surto de infecção por que passa o hospital — até ontem — não havia sido detectado no centro obstétrico. "Os partos estão sendo realizados normalmente", garante o diretor do HRC.

Os casos de emergência — como pacientes baleados ou esfaqueados — estão sendo encaminhados aos hospitais da rede. "Como estamos com o centro cirúrgico interditado, fizemos contato com o Corpo de Bombeiros e com a Polícia Militar para que não tragam pacientes pra cá", adianta Marcelo Souza.

As cirurgias eletivas, embora suspensas por tempo indeterminado, não foram desmarcadas. "Os pacientes não precisam ficar preocupados. Todas serão remarçadas e eles terão preferência", informa o médico.

Dr. Surge
INFECÇÃO HOSPITALAR MATA UM PACIENTE, DEIXA UM EM COMA E OUTROS QUATRO EM ESTADO CRÍTICO

PARA SABER MAIS

GESTO FUNDAMENTAL

Quem entra no hospital para fazer uma cirurgia nunca está livre de ser contaminado. Uma infecção hospitalar é a doença adquirida em função do ato médico. Pode aparecer durante a internação ou depois de o paciente ter voltado para casa.

O que determina a maior incidência das contaminações em hospitais são as condições do ambiente, do doente e, o fundamental, do comportamento da equipe médica. Lavar as mãos está entre uma das principais formas de prevenção contra infecção hospitalar. Comportamento simples, mas pouco respeitado. Um estudo realizado na Alemanha mostrou que há mais contaminação por bactérias nas mãos dos profissionais de saúde que nos banheiros públicos do país.

Nas unidades de tratamento intensivo, os riscos aumentam,

pois o paciente internado está mais vulnerável a doenças e usa medicamentos muito fortes que podem desequilibrar a capacidade de defesa do organismo. Em berçários e UTIs neonatais, a vulnerabilidade dos pacientes também é muito alta.

O uso de sonda, cateter, respirador ou qualquer equipamento que invada o corpo aumenta pelo menos em 100% o risco de infecção. Uma sonda vesical (usada para recolher a urina de pessoas que se submetem a cirurgia na bexiga) faz as possibilidades de contaminação crescerem 17 vezes. Estudo realizado pelo Ministério da Saúde mostra que apenas 30% das infecções podem ser prevenidas, o restante depende de outras situações, como a idade do paciente, o tempo de permanência no hospital e outras já citadas. (Maria Clarice Dias)